

**IRONMAN BRASIL DE 2001 A 2010: UM OLHAR HISTÓRICO-SOCIOLÓGICO
SOBRE A CONSOLIDAÇÃO DO EVENTO**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Nome Roberto Tadeu Mangini ¹
Apoio: *PIVIC Mackenzie*

Wesley Espinosa Santana²

CEFT- Centro de Educação, Filosofia e Teologia ¹

CEFT- Centro de Educação, Filosofia e Teologia ²

<email.10433771@mackenzista.com.br>
<email.1143261@mackenzie.br>

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória do Ironman Brasil, realizado em Florianópolis, entre 2001 e 2010, à luz da teoria bourdieusiana, com foco nos conceitos de campo, habitus, capital simbólico e violência simbólica. A motivação da pesquisa surge da escassez de estudos que articulem História e Sociologia na compreensão de grandes eventos esportivos, especialmente no triathlon de longa distância. O objetivo geral foi compreender como elementos socioculturais contribuíram para o crescimento e consolidação do evento no cenário nacional, identificando também os agentes envolvidos e suas relações de poder. A pesquisa adotou abordagem qualitativa e caráter exploratório, analisando 17 reportagens publicadas em veículos digitais de domínio público. Os resultados evidenciam que o Ironman Brasil se consolidou como um subcampo esportivo com regras próprias, valorizando principalmente a categoria de elite, em detrimento da visibilidade dos atletas amadores. Observou-se que a cobertura midiática reforçou a legitimação simbólica da elite esportiva e que a busca por capitais simbólicos, como o status de campeão, a vaga para o mundial em Kona e o título de “homem de ferro”, impulsionou a expansão do evento. Conclui-se que a teoria de Bourdieu oferece instrumentos eficazes para compreender as dinâmicas sociais presentes, sugerindo como desdobramento a análise da participação de amadores, questões de gênero e raça no contexto da prova.

Palavras-chave: Ironman Brasil; Triathlon; Pierre Bourdieu; Capital Simbólico; Violência Simbólica.

ABSTRACT

This study analyzes the trajectory of Ironman Brazil, held in Florianópolis from 2001 to 2010, through the lens of Bourdieu's theory, focusing on the concepts of field, habitus, symbolic capital, and symbolic violence. The research motivation arises from the scarcity of studies that combine History and Sociology to understand major sporting events, particularly long-distance triathlons. The main objective was to understand how sociocultural elements contributed to the growth and consolidation of the event in the national context, also identifying the agents involved and their power relations. The study adopted a qualitative and exploratory approach, analyzing 17 news reports published in publicly available digital sources. The results show that Ironman Brazil has consolidated itself as a sporting subfield with its own rules, mainly valuing the elite category to the detriment of amateur athletes' visibility. It was observed that media coverage reinforced the symbolic legitimation of the sporting elite and that the pursuit of symbolic capitals, such as the champion title, qualification for the Kona World Championship, and the “Ironman” designation, drove the event's expansion. It is concluded that Bourdieu's theory offers effective tools to understand the social dynamics involved, suggesting as a future development the analysis of amateur participation, as well as gender and race issues within the event's context.

Keywords: Ironman Brazil; Triathlon; Pierre Bourdieu; Symbolic Capital; Symbolic Violence.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre esporte e história remonta à Antiguidade, quando, na Grécia, os feitos atléticos registrados nas Olimpíadas eram exaltados como exemplos de coragem e virtude. Desde então, o esporte tem desempenhado papel central na vida social, assumindo diferentes funções ao longo dos séculos: expressão cultural, prática de lazer, ferramenta educativa e espetáculo de massa. No século XXI, a consolidação da história cultural ampliou o interesse acadêmico em compreender o esporte não apenas como atividade física, mas como fenômeno social capaz de refletir e influenciar relações de poder, valores e identidades.

Nesse contexto, o estudo das manifestações esportivas sob uma perspectiva sociocultural tem se mostrado fundamental para compreender como determinados eventos se legitimam e se consolidam no imaginário coletivo. A análise de grandes competições, como o Ironman Brasil, permite explorar dimensões simbólicas, econômicas e políticas que extrapolam o campo esportivo, revelando dinâmicas de prestígio, exclusão e reconhecimento social.

Apesar da relevância do Ironman Brasil no cenário do triathlon de longa distância e de seu impacto econômico e cultural, há uma lacuna de estudos que articulem abordagens históricas e sociológicas para compreender sua consolidação no país. Observa-se que, embora a prova tenha alcançado prestígio internacional, poucos trabalhos investigam como relações sociais, capitais simbólicos e estruturas de poder influenciaram seu crescimento. Assim, este estudo é orientado pela seguinte questão norteadora: como elementos socioculturais, à luz da teoria de Pierre Bourdieu, contribuíram para a consolidação do Ironman Brasil entre 2001 e 2010?

O objetivo geral é analisar a trajetória do Ironman Brasil, de 2001 a 2010, identificando como conceitos bourdieusianos, bem como campo, habitus, capital simbólico e violência simbólica, explicam seu crescimento e consolidação no cenário esportivo nacional. Os objetivos específicos consistem em: caracterizar os agentes envolvidos na organização e legitimação do Ironman Brasil, averiguar a aplicação dos conceitos de campo, habitus, capital simbólico e violência simbólica no contexto do evento e compreender de que forma a cobertura midiática e os capitais simbólicos influenciaram a consolidação do Ironman Brasil no triathlon nacional.

Do ponto de vista científico, este estudo contribui para a ampliação da interface entre História e Sociologia do esporte, utilizando o referencial teórico de Pierre Bourdieu para interpretar um caso específico e relevante. A abordagem bourdieusiana oferece ferramentas conceituais capazes de revelar as estruturas simbólicas e de poder presentes no campo esportivo, permitindo compreender como um evento se torna referência e adquire legitimidade. Sob a perspectiva social, o Ironman Brasil é um fenômeno que ultrapassa a prática esportiva,

movimentando a economia, atraindo atletas de diferentes países e influenciando práticas culturais e de consumo. Ao investigar sua consolidação, este trabalho colabora para a compreensão dos impactos que eventos esportivos de grande porte geram nas comunidades anfitriãs e no imaginário coletivo.

Quanto a estrutura desta pesquisa, além desta introdução, o capítulo 2 apresenta o referencial teórico, dividido em tópicos que abordam o histórico do triathlon e do Ironman, tanto no cenário mundial quanto nacional, e a aplicação dos conceitos de Pierre Bourdieu. O capítulo 3 descreve a metodologia, detalhando o tipo de pesquisa, os procedimentos de coleta e análise de dados. O capítulo 4 expõe e discute os resultados, articulando-os ao referencial teórico. Por conseguinte, o capítulo 5 apresenta as conclusões, sintetizando os principais achados, as contribuições da pesquisa e sugestões para estudos futuros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Triathlon na história

A palavra triathlon tem origem no grego antigo, unindo os termos *tri* (três) e *athlos* (competição ou feito), referindo-se à combinação de três modalidades esportivas distintas. No formato contemporâneo, a prova é composta por natação, ciclismo e corrida, realizadas sequencialmente e em distâncias variadas, definidas por federações internacionais e nacionais (FERREIRA, 2005). Entre as principais modalidades reconhecidas pela Confederação Brasileira de Triathlon e pela World Triathlon estão: *sprint* (750 m de natação, 20 km de ciclismo e 5 km de corrida), olímpica (1,5 km de natação, 40 km de ciclismo e 10 km de corrida), longa distância (variando entre o dobro e o triplo da olímpica), *mixed relay* e a distância *Ironman* (3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42,195 km de corrida) (CBTRI, 2018).

Embora o triathlon moderno seja recente, sua lógica remonta à Antiguidade. Os Jogos Olímpicos gregos incluíam provas combinadas, como o pentatlo, criado segundo a tradição para favorecer o atleta Peleu. O pentatlo reunia arremesso de disco, arremesso de dardo, corrida, salto em distância e luta, sendo considerado uma das competições mais completas da época. Essa concepção de múltiplas provas numa mesma competição atravessou os séculos, inspirando eventos similares em diferentes contextos históricos (FERREIRA, 2005).

Na era contemporânea, experiências com provas combinadas surgiram em diferentes países, mas o marco do triathlon moderno ocorreu em 1974, em San Diego, Estados Unidos, quando o San Diego Track Club organizou um evento com 500 m de natação, 12 km de ciclismo

e 5 km de corrida. O sucesso da iniciativa levou à realização de novas edições e ao incremento das distâncias e formatos (CBTRI, 2018).

O processo de institucionalização da modalidade avançou rapidamente. Em 1989, foi fundada na cidade de Avignon, França, a International Triathlon Union (ITU), hoje denominada World Triathlon, responsável pela regulamentação internacional, definição de regras e organização de campeonatos mundiais. Um marco importante foi a inclusão do triathlon no programa dos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, consolidando sua visibilidade e reconhecimento global (CBTRI, 2018).

No Brasil, o triathlon foi introduzido em 1982 por José Inácio Werneck e Dawn Webb Werneck, com apoio da Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro. A primeira competição nacional, realizada no Aterro do Flamengo em 1983, seguiu a ordem tradicional das modalidades e ficou conhecida como Triathlon Café do Brasil, vencida por Roger de Moraes no masculino e Dawn Webb no feminino. Desde então, a modalidade cresceu, formou atletas de destaque e incorporou provas de longa distância, como o Ironman, que ganharia importância estratégica no cenário esportivo nacional (BÖGLI, 2017).

2.2 Ironman no mundo

O Ironman, atualmente reconhecido como uma das provas mais desafiadoras do triathlon, surgiu no Havaí em 1978 a partir de um desafio lançado pelo casal norte-americano John e Judy Collins. Na época, circulava entre militares e atletas locais a discussão sobre qual modalidade exigia maior resistência física — natação, ciclismo ou corrida. Para solucionar a questão, Collins propôs reunir, em um único dia, as três provas mais extenuantes do arquipélago: a Waikiki Roughwater Swim (3,8 km de natação), a Around-Oahu Bike Race (180 km de ciclismo) e a Maratona de Honolulu (42,195 km de corrida). O primeiro evento contou com 15 atletas largando e apenas 12 concluindo o percurso, tendo como vencedor Gordon Haller, que completou o desafio em 11h46min58s (TRIPEDAL, 2024).

Desde então, o Ironman manteve suas distâncias originais e se consolidou como o ápice do triathlon de longa distância. A prova exige dos competidores não apenas preparo físico extremo, mas também planejamento estratégico, gestão de nutrição e resiliência mental, características que contribuíram para que ela se tornasse um ícone do esporte de endurance. Ao longo das décadas, o evento evoluiu em termos de organização, atratividade de patrocínios, cobertura midiática e participação de atletas amadores e profissionais, criando um ecossistema próprio dentro do campo esportivo (TRIPEDAL, 2024).

A expansão internacional começou nos anos 1980 e 1990, quando a World Triathlon Corporation (WTC), detentora da marca Ironman, iniciou a organização de provas

qualificatórias em diversos países. O sistema de classificação passou a ser baseado na obtenção de vagas — denominadas *slots* — para o Campeonato Mundial de Ironman, distribuídas de acordo com a colocação em categorias por faixa etária e na elite profissional. Tal estrutura fomentou a criação de um circuito global, no qual cada etapa se tornou, além de uma competição local, uma porta de entrada para o evento principal em Kona (GARAGE TRAINING, 2024).

Kailua-Kona, na Ilha Grande do Havaí, é considerada a “Meca” do Triathlon. O percurso desafiador, marcado por altas temperaturas, ventos fortes e longos trechos sob sol intenso, confere ao campeonato mundial um status diferenciado. Conquistar uma vaga para Kona é, para muitos atletas, tão valioso quanto vencer uma prova, representando não apenas um objetivo esportivo, mas também a aquisição de capital simbólico no campo do triathlon de longa distância (GARAGE TRAINING, 2024).

2.3 Ironman Brasil

As primeiras experiências com provas de longa distância no Brasil remontam à década de 1980, quando triathlons de diferentes formatos começaram a ser organizados em cidades litorâneas. Todavia, foi apenas em 1998 que o país passou a integrar oficialmente o circuito mundial da World Triathlon Corporation (WTC) com a realização do primeiro Ironman Brasil, sediado em Porto Seguro, na Bahia, com a idealização do medalhista Olímpico Djan Madruga. O evento marcou a entrada definitiva do país no calendário internacional e atraiu atletas estrangeiros, motivados tanto pelo desafio esportivo quanto pelas características turísticas da região (BÖGLI, 2020).

Apesar do impacto inicial, por questões logísticas e estruturais, em 2001 o Ironman Brasil foi transferido para Florianópolis, Santa Catarina, cidade que oferecia melhor infraestrutura hoteleira, apoio institucional e um percurso mais adequado para a competição (BÖGLI, 2020). A capital catarinense, conhecida como “Ilha da Magia”, passou a receber anualmente milhares de atletas, acompanhantes e turistas, consolidando-se como um dos destinos mais emblemáticos do triathlon de longa distância na América do Sul (ELIAS, 2024).

Ao longo da primeira década em Florianópolis (2001–2010), o evento registrou crescimento contínuo no número de inscritos, ampliando a participação tanto de amadores quanto de profissionais. O aumento da demanda estimulou investimentos em logística, segurança e comunicação, além de impulsionar setores como hotelaria, gastronomia e comércio local. Estimativas de impacto econômico apontam que a prova movimentava milhões de reais por edição, reforçando o papel do esporte como vetor de desenvolvimento turístico e social (Unlimited Sports, 2025).

A relevância do Ironman Brasil estimulou a criação de novas etapas no país, com destaque para o Ironman Fortaleza, realizado pela primeira vez em 2014. Embora em um contexto posterior ao recorte temporal desta pesquisa, o surgimento dessa prova demonstra a capacidade de expansão do modelo no território nacional e a consolidação do Brasil como importante polo para o triathlon de longa distância.

2.4 O “campo” subcampo e as estruturas

Na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, o conceito de “campo” refere-se a um espaço social relativamente autônomo, estruturado por relações de força e de poder, no qual agentes e instituições disputam diferentes formas de capital, econômico, cultural, social e simbólico. Cada campo possui suas próprias regras de funcionamento, lógicas de reconhecimento e hierarquias internas, o que confere a ele uma dinâmica própria e relativamente independente de outros campos sociais (BOURDIEU, 2021).

No interior de um campo, podem existir subdivisões com características e normas específicas, denominadas “subcampos”. No caso do esporte, há múltiplos subcampos que se distinguem por modalidades, formatos de competição, perfis de atletas e estruturas institucionais. Cada subcampo, ainda que conectado ao campo esportivo mais amplo, apresenta especificidades que influenciam a forma como os agentes acumulam e convertem capitais. Por exemplo, o subcampo do esporte de alto rendimento de longa distância difere significativamente do subcampo de esportes coletivos, tanto em termos de preparação física e técnica quanto de prestígio simbólico (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017).

O Ironman Brasil, no período de 2001 a 2010, pode ser compreendido como um subcampo dentro do campo esportivo e, mais especificamente, do subcampo do triathlon de longa distância. Nesse espaço, a disputa não se restringe ao resultado da prova, mas também envolve a obtenção de capital simbólico, como a conquista de vagas para Kona, a visibilidade midiática e o reconhecimento entre pares. Atletas, organizadores, patrocinadores e veículos de comunicação ocupam posições distintas nesse subcampo, buscando ampliar sua influência e prestígio por meio da performance esportiva, da associação à marca Ironman e da inserção em redes de sociabilidade ligadas ao universo do endurance.

2.5 Os agentes e o “habitus”

Na perspectiva bourdieusiana, o habitus pode ser entendido como um sistema de disposições incorporadas, resultante das experiências sociais acumuladas ao longo da trajetória de vida dos indivíduos. Essas disposições orientam percepções, práticas e escolhas, funcionando de maneira inconsciente, mas influenciando profundamente o modo como cada agente atua nos diferentes campos (PETERS, 2020). O habitus é, portanto, ao mesmo tempo

produto e produtor da realidade social, pois reflete as condições objetivas de formação e, simultaneamente, orienta as ações que contribuem para a reprodução ou transformação dessas condições (BOURDIEU, 1986).

A formação social do habitus envolve múltiplas dimensões, entre as quais se destacam a dimensão libidinal e a dimensão hábil. A dimensão libidinal refere-se ao investimento afetivo e simbólico que o agente dedica ao campo, o que implica paixão, envolvimento e crença no valor da prática. Já a dimensão hábil está relacionada à aquisição de competências técnicas e cognitivas necessárias para atuar com eficácia naquele espaço social específico (PETERS, 2020). No contexto esportivo, essas dimensões se materializam tanto no comprometimento emocional do atleta quanto na sua capacidade física, estratégica e mental para enfrentar os desafios das competições.

Outro conceito basilar para compreender o engajamento dos agentes no campo esportivo é o de *illusio*. Trata-se da crença compartilhada no valor do jogo e na relevância das recompensas oferecidas pelo campo. No caso do Ironman Brasil, a *illusio* manifesta-se na aceitação, por parte dos atletas, das regras e exigências da prova, bem como na valorização simbólica associada à sua participação e desempenho. A busca por superar limites pessoais, conquistar índices para Kona ou simplesmente completar a prova faz parte dessa lógica, na qual o investimento de tempo, recursos e energia é justificado pela crença no prestígio e na legitimidade da competição (PETERS, 2020).

O estudo da história do esporte, conforme apontam Melo e Fortes (2010), exige uma abordagem que vá além da simples cronologia dos eventos, buscando compreender as transformações sociais, econômicas e culturais que moldam as práticas esportivas. Nesse sentido, o triathlon e o Ironman, ao se consolidarem como fenômenos globais, não apenas refletem mudanças nas modalidades esportivas, mas também revelam processos de construção simbólica, onde valores como superação, disciplina e excelência física são continuamente reafirmados.

A compreensão desses processos pode ser aprofundada por meio do conceito de habitus, apresentado como um conjunto de disposições incorporadas que orientam práticas e percepções. No caso do Ironman Brasil, o habitus dos atletas, tanto profissionais quanto amadores, é moldado pela busca por reconhecimento no campo esportivo, pela internalização das exigências extremas da prova e pela valorização de capitais simbólicos como a conquista de uma vaga para Kona (BOURDIEU, 2021).

A trajetória do triathlon no Brasil, mostra que a modalidade encontrou terreno fértil para se expandir devido à combinação de infraestrutura adequada, interesse midiático e crescente

adesão de atletas com elevado capital econômico e cultural. Essa base favoreceu o desenvolvimento do Ironman como um subcampo altamente especializado, onde a participação exige não apenas preparo físico, mas também recursos financeiros e redes de apoio estruturadas (BÖGLI, 2017).

Aliás, conteúdos midiáticos contemporâneos, como o podcast do Garage Training (2024), oferecem um olhar atual sobre a relevância do Ironman enquanto marca e fenômeno cultural. Ao narrar a história da prova e destacar sua simbologia, inclusive como “a marca mais tatuada do mundo”, o material elucida como o capital simbólico do evento transcende o espaço esportivo, influenciando identidades e estilos de vida.

2.6 Capital simbólico, violência simbólica e o *status*

Pierre Bourdieu identifica quatro formas principais de capital que estruturam as relações sociais nos diferentes campos: o capital econômico, relacionado a recursos financeiros e bens materiais; o capital cultural, que abrange conhecimentos, habilidades e títulos educacionais; o capital social, constituído por redes de relacionamentos e conexões estratégicas; e o capital simbólico, que corresponde ao prestígio, reconhecimento e legitimidade social que um agente detém. Esses capitais não atuam isoladamente, mas podem ser convertidos entre si, de acordo com as regras específicas de cada campo (BOURDIEU, 1986).

Capital simbólico é a forma de capital que representa o reconhecimento social, o prestígio e a legitimação de poder atribuídos a um indivíduo ou grupo dentro de determinado campo. Bourdieu (1986), entende o capital simbólico como o resultado da conversão de outras formas de capital (econômico, cultural ou social) em prestígio socialmente reconhecido. Trata-se, portanto, de uma forma de capital que só existe na medida em que é percebida e legitimada pelos outros, funcionando como uma “autoridade” ou “legitimidade” invisível, mas extremamente eficaz na reprodução das desigualdades sociais, levando a construção de outro mecanismo conceitual bourdieusiano de nome “violência simbólica”, que se manifesta quando normas, valores e hierarquias impostas por um grupo dominante são aceitas como legítimas por todos os agentes do campo, inclusive por aqueles que ocupam posições subordinadas (BOURDIEU, 2021).

No caso do Ironman Brasil, entre 2001 e 2010, a violência simbólica pode ser percebida na forma como o evento construiu e reforçou uma elite esportiva altamente valorizada. O acesso a essa elite dependia não apenas da performance física, mas também da capacidade de investir capital econômico (em equipamentos, inscrições e viagens), capital cultural (conhecimento técnico e tático sobre a prova) e capital social (acesso a treinadores renomados e redes de apoio). Ao transformar a participação no Ironman em um marcador de distinção social, o evento

consolidou um sistema no qual os capitais acumulados pelos atletas determinavam seu status e visibilidade, ao mesmo tempo em que legitimavam a hierarquia existente no subcampo do triathlon de longa distância.

3. METODOLOGIA

Esta investigação adota uma abordagem qualitativa, por privilegiar a compreensão aprofundada de fenômenos sociais a partir da interpretação de significados, narrativas e contextos. Trata-se de um estudo de caráter exploratório, cujo objetivo é oferecer uma análise inicial e abrangente sobre a consolidação do Ironman Brasil entre 2001 e 2010, considerando variáveis históricas e socioculturais (GIL, 2008).

A coleta de dados baseou-se na seleção criteriosa de reportagens e materiais jornalísticos publicados entre 2001 e 2010, contemplando a seleção de 17 (dezesete) reportagens digitais: 3 (três) de 2001; 1 (uma) para cada ano entre 2002 e 2007; 2 (duas) de 2008; 3 (três) de 2009; e 3 (três) de 2010. fontes digitais. Foram priorizadas reportagens de portais especializados em esporte, como WebRun, Revista Trip, Revista Press Kit, Ativo e Pedal, além de veículos de comunicação de alcance nacional e local, como, O Globo, Pioneiro Gazeta Gaúcha, Secretaria de Turismo de Santa Catarina, UOL e NSC Total. O critério de inclusão considerou matérias que apresentassem informações sobre os resultados das provas, perfil de atletas, aspectos organizacionais e impactos socioculturais do evento. Além disso, realizou-se uma busca por artigos acadêmicos nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico e catálogo de teses e dissertações da Capes.

Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo, conforme orientações metodológicas voltadas à interpretação qualitativa de textos. Essa técnica permitiu identificar, categorizar e interpretar elementos presentes nas narrativas jornalísticas e nos discursos relacionados ao Ironman Brasil. O processo analítico esteve fundamentado nos conceitos centrais da teoria de Pierre Bourdieu, especialmente “campo”, “habitus”, “capital”, “violência simbólica” e “illusio”, o que possibilitou compreender como esses elementos se articulam na legitimação simbólica do evento e na construção de sua relevância social.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 Panorama do Ironman Brasil (2001–2010)

O Ironman Brasil consolidou-se, ao longo da primeira década do século XXI, como o principal evento de triathlon de longa distância da América Latina. Desde sua primeira edição em Florianópolis, em 2001, até 2010, a prova registrou crescimento expressivo no número de

participantes, atraiu atletas de elite internacional e passou a figurar no calendário global da franquia como etapa estratégica para a obtenção de vagas no Campeonato Mundial de Kona, no Havaí.

O Quadro 1 sintetiza os dados mais relevantes do período, incluindo o número aproximado de participantes por ano, os campeões da categoria profissional masculina e feminina, bem como os tempos vencedores:

Quadro 1 – Panorama do Ironman Brasil (2001–2010): participantes, campeões e tempos recordes

Ano	Participantes (aprox.)	Campeão Masculino	Tempo Masculino	Campeã Feminina	Tempo Feminino
2001	500	Eduardo Sturla (ARG)	8h11min10s	Wendy Ingraham (CAN)	9h10min02s
2002	-----* ₁	Oscar Galíndez (ARG)	8h19min38s	-----	-----
2003	-----	-----	-----	-----	-----
2004	1.002	Olaf Sabatschus (ALE)	8h19min32s	Fernanda Keller (BRA)	9h26min05s
2005	-----	Olaf Sabatschus (ALE)	8h50min55s	Joanna Zeiger (EUA)	9h31min59s
2006	-----	Oscar Galíndez (ARG)	8h15min	Lisbeth Kristensen (DIN)	9h20min46s
2007	1.244	Oscar Galíndez (ARG)	-----	-----	-----
2008	1.250	Eduardo Sturla (ARG)	8h28min24s	Fernanda Keller (BRA)	9h42min49s
2009	1.500	-----	-----	-----	-----
2010	1.650	Lucke Mackenzie (AUS)	8h07min32s	Tereza Macel (CAN)	9h26min08s

Fonte: Elaborado pelo Autor extraídos dos seguintes veículos midiáticos: Ativo, NSC total, O globo, Pedal, Pioneiro gazeta gaúcha, Revista Press Kit, Revista Trip, Secretaria de Turismo de Santa Catarina, Uol, Webrun, (2025).

Ao longo da década, observa-se não apenas um aumento contínuo no número de participantes, mas também a presença recorrente de atletas estrangeiros no pódio, o que contribuiu para a elevação do prestígio internacional do evento. A regularidade de nomes consagrados, como Oscar Galíndez e Fernanda Keller, reforçou a construção de ídolos e a formação de um capital simbólico específico, que serviu para legitimar o Ironman Brasil como um espaço de excelência dentro do campo esportivo.

*Dados não encontrados

Sob a ótica bourdieusiana, essa evolução revela a consolidação de um subcampo competitivo marcado pela disputa de capitais, especialmente o simbólico e o social, entre atletas de diferentes origens, e pela manutenção de uma hierarquia baseada tanto na performance quanto na visibilidade midiática.

Outro aposto a ser levado em consideração é que em alguns anos as informações não são apresentadas como tempo final de prova ou números de participantes, mais o que chama a atenção é a falta de dados sobre a categoria feminina que não são apresentadas por mais de um ano.

4.2 Cobertura midiática e reforço simbólico da elite

A cobertura midiática do Ironman Brasil, entre 2001 e 2010, revelou-se centrada nas performances da elite profissional, tanto masculina quanto feminina. Reportagens publicadas, destacaram de forma recorrente os campeões, seus tempos recordes e as disputas diretas entre nomes consagrados, como Oscar Galíndez, Eduardo Sturla e Fernanda Keller. Essa ênfase conferiu aos atletas de ponta maior visibilidade e contribuiu para a construção de um capital simbólico associado ao prestígio de competir e vencer no evento.

Sob a ótica de Pierre Bourdieu, a atuação da mídia no contexto do Ironman Brasil não se restringiu à simples cobertura jornalística, haja vista que se configurou como um elemento estruturante do campo esportivo, operando na manutenção e reprodução de hierarquias já estabelecidas. Ao privilegiar narrativas centradas em vitórias, recordes e desempenhos excepcionais, a imprensa construiu um recorte seletivo da realidade, no qual apenas determinados perfis de atletas, em geral, figuras consagradas ou detentoras de alto capital simbólico, receberam espaço e legitimidade. Essa estratégia discursiva, longe de ser neutra, funcionou como mecanismo de violência simbólica, pois naturalizou a exclusão de outras experiências, silenciando histórias relevantes e, sobretudo, marginalizando os triatletas amadores que compõem a maioria dos participantes da prova como evidência Bourdieu (2021),

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm.

A ausência de uma cobertura sistemática sobre esses competidores reforçou um processo de invisibilização que impacta diretamente a dinâmica do subcampo esportivo. Ao concentrar a atenção sobre a elite, o discurso midiático consolidou a percepção de que o “verdadeiro” valor esportivo estaria vinculado apenas ao desempenho de alto rendimento, desconsiderando o

esforço, a trajetória e as conquistas daqueles que, embora não disputem pódios, sustentam o evento em número e diversidade. Esse enquadramento, ao mesmo tempo que fortalece a imagem do Ironman como uma arena de excelência, contribui para a cristalização de barreiras simbólicas que limitam a valorização de outros perfis de atletas.

Nesse cenário, a *illusio*, a crença compartilhada na relevância e no prestígio da competição, é alimentada pela própria lógica de distinção que rege o campo. Os capitais econômico e social assumem papel determinante, pois viabilizam o acesso a condições privilegiadas de treinamento, infraestrutura e suporte técnico, fatores que potencializam a obtenção de resultados expressivos e, conseqüentemente, o aumento da visibilidade midiática e a conquista dos capitais simbólicos em disputa no subcampo Ironman Brasil.

Logo, a mídia documentou o Ironman Brasil ao passo que atuou como agente ativo na definição de suas hierarquias internas e na consolidação de uma identidade simbólica pautada na distinção. Ao legitimar certos atores em detrimento de outros, contribuiu para moldar a percepção pública do evento e reforçar a posição dominante da elite esportiva, perpetuando um modelo de reconhecimento que privilegia poucos e exclui muitos (BOURDIEU, 2013).

4.3 Disputa por capitais simbólicos

No contexto do Ironman Brasil entre 2001 e 2010, a competição não se restringiu ao desempenho físico ou à superação individual, mas envolveu também uma intensa disputa por capitais simbólicos. O status de campeão representava não apenas o reconhecimento técnico, mas também a legitimação dentro do subcampo esportivo do triathlon. Esse título, amplamente difundido pela mídia e valorizado por patrocinadores, funcionava como um marcador de prestígio e instrumento de distinção, capaz de ampliar o capital social e econômico dos atletas vencedores (BOURDIEU, 2007).

Outro elemento central nessa disputa foi a vaga para o Campeonato Mundial de Kona, no Havaí, considerada a instância máxima do triathlon de longa distância. Obter essa classificação não significava apenas a oportunidade de competir em um palco internacional, mas também a conquista de um capital simbólico de alto valor, capaz de reposicionar o atleta no campo esportivo global. A participação em Kona operava como um selo de legitimidade e excelência, reforçando hierarquias e consolidando trajetórias.

O título de “Ironman”, por sua vez, possuía uma carga simbólica que transcendia a esfera esportiva. Concluir a prova, independentemente da colocação, implicava a incorporação de um *habitus* marcado pela resistência física e mental, pela disciplina e pela dedicação extrema. Ainda assim, na lógica do campo, esse capital simbólico não era distribuído de forma igualitária: os atletas profissionais, sobretudo os campeões e classificados para Kona, acumulavam maior

visibilidade e reconhecimento, enquanto a maioria dos amadores permanecia à margem do discurso oficial e midiático, conforme apresenta Bourdieu (2021)

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <<sistemas simbólicos>> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica), dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <<domesticação dos dominados>>.

Assim, a disputa por capitais simbólicos no Ironman Brasil configurou-se como um processo multifacetado, no qual o mérito esportivo se entrelaçava à capacidade de converter performances em reconhecimento social. A dinâmica de consagração nesse período revela que, embora todos os concluintes carregassem o título de “Ironman”, a valoração desse capital variava segundo as posições ocupadas no campo e os recursos disponíveis para cada agente.

4.4 Conflitos e tensões no campo

Embora o Ironman Brasil tenha se consolidado ao longo da década como um evento de prestígio, esse processo não ocorreu sem atritos. Um episódio emblemático foi registrado em 2003, quando a prova causou controvérsia em função de questões relacionadas à organização e à relação com os atletas. Reportagem da época destacou, protestos de competidores insatisfeitos com critérios de arbitragem, condições do percurso e a percepção de favorecimento a determinados grupos (CURY, 2003). Essas manifestações expuseram divergências internas e fragilidades na gestão do evento, revelando que o campo esportivo, ainda que estruturado por regras explícitas, é atravessado por disputas de legitimidade.

À luz da teoria de Pierre Bourdieu, tais conflitos podem ser compreendidos como lutas pela redefinição das regras do jogo e pela redistribuição dos capitais em disputa. No subcampo do triathlon de longa distância, a posse de capital simbólico, seja pelo desempenho, pela visibilidade midiática ou pelo prestígio junto à organização, confere poder para influenciar as normas e hierarquias. Assim, os protestos de 2003 podem ser interpretados como uma reação de agentes que, ocupando posições menos favorecidas, buscaram questionar a estrutura vigente e ampliar seu espaço de reconhecimento, por meio da apropriação de uma visão de mundo, em que se passa a ter consciência da divisão do mundo social e suas lutas (GOMES; ALMEIDA JÚNIOR, 2022).

Essas tensões evidenciam que o campo não é estático, mas dinâmico e permeado por disputas abertas ou veladas. O episódio reforça a noção de que a consolidação do Ironman Brasil não resultou apenas de um processo linear de crescimento, mas também da capacidade de a

organização gerir conflitos internos, preservar a credibilidade do evento e manter o interesse de atletas e patrocinadores. Nesse ínterim, compreender os embates ocorridos entre 2001 e 2010 é de grande valia para averiguar como se construíram e se mantiveram tanto as hierarquias quanto as formas de poder simbólico no triathlon brasileiro.

4.5 Impacto sociocultural

Entre 2001 e 2010, o Ironman Brasil consolidou-se não apenas como uma competição esportiva de longa distância, mas como um símbolo de superação e resistência, incorporado ao imaginário coletivo de atletas e admiradores do esporte. A expressão “ser um Ironman” passou a representar um ideal de disciplina, esforço e conquista pessoal, independentemente da colocação obtida na prova. Essa ressignificação extrapolou os limites do triathlon, alcançando outras modalidades e inspirando práticas de treinamento, narrativas de vida e campanhas publicitárias que associavam a marca “Ironman” à determinação e ao autocontrole (GARAGE TRAINING, 2024).

Sob a ótica de Bourdieu (2004), essa valorização social pode ser interpretada como a incorporação de um habitus voltado para a busca de distinção, no qual o capital simbólico adquirido ao concluir a prova se converte em reconhecimento no campo esportivo e em outros campos sociais. O Ironman Brasil tornou-se, assim, um espaço de consagração para aqueles que, ao cruzarem a linha de chegada, passam a integrar uma comunidade restrita de indivíduos capazes de realizar um feito extremo. Tal pertencimento não é apenas físico, mas também cultural, marcado por práticas, discursos e valores compartilhados.

O impacto sociocultural do Ironman Brasil no cenário esportivo nacional foi profundo e multifacetado, deixando marcas que extrapolam os limites da própria modalidade. Ao longo da década analisada, a prova desempenhou papel central na popularização do triathlon no Brasil, inserindo-o de maneira mais expressiva no imaginário esportivo e consolidando Florianópolis como uma das capitais mundiais da modalidade. A visibilidade do evento impulsionou investimentos em infraestrutura, não apenas voltados à competição em si, mas também à melhoria de espaços públicos, mobilidade urbana e serviços relacionados, beneficiando a população local e criando um ambiente mais favorável para a prática de atividades físicas (Unlimited Sports, 2025).

Paralelamente, o Ironman Brasil contribuiu para a expansão do turismo esportivo, atraindo atletas, familiares, equipes de apoio e espectadores de diferentes partes do mundo. Esse fluxo não só movimentou a economia local, como também fortaleceu a imagem de Florianópolis como destino de excelência para eventos internacionais. A presença de atletas de elite e a cobertura midiática intensa criaram referências nacionais de alto rendimento,

alimentando o sonho de novos competidores e estimulando o surgimento de academias, assessorias esportivas e programas de treinamento especializados.

Contudo, a força simbólica do evento esteve fortemente ancorada na ideia de superação pessoal, característica marcante nas narrativas esportivas contemporâneas. Essa ênfase contribuiu para reforçar discursos meritocráticos que, embora motivadores, tendem a desconsiderar as desigualdades estruturais que permeiam o acesso ao esporte de alto custo. O elevado investimento necessário para preparação, equipamentos, viagens e inscrições impõe barreiras significativas, restringindo a participação a um público socioeconomicamente privilegiado.

Sendo assim, o legado do Ironman Brasil para a cultura esportiva brasileira apresenta um caráter ambíguo. De um lado, promoveu inclusão simbólica, inspirando milhares de pessoas e fortalecendo o prestígio do triathlon no país, porém de outro, manteve barreiras materiais que impedem a democratização plena da modalidade. Esse contraste contempla a relação complexa entre esporte, capital simbólico e desigualdade social, evidenciando que a projeção midiática e o fascínio pelo desafio extremo coexistem com limitações estruturais ainda não superadas.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como propósito analisar, sob a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, a consolidação do Ironman Brasil entre 2001 e 2010. Partiu-se da problemática sobre como elementos socioculturais, interpretados à luz de conceitos como habitus, campo, capitais e violência simbólica, contribuíram para que o evento alcançasse prestígio e legitimidade no cenário esportivo nacional e internacional. A investigação adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando principalmente reportagens e registros midiáticos para compreender as dinâmicas sociais, simbólicas e econômicas presentes no período.

A análise evidenciou que a consolidação do Ironman Brasil decorreu de um entrelaçamento entre fatores organizacionais, midiáticos e simbólicos. A aplicação dos conceitos bourdieusianos permitiu identificar que o evento se constituiu como um subcampo esportivo, no qual diferentes agentes, tais como atletas, organizadores, patrocinadores e mídia, disputaram capitais simbólicos, econômicos e sociais. O status de campeão, a obtenção de vaga para Kona e o título de “Ironman” emergiram como os principais marcadores de distinção, reforçando hierarquias internas. Inclusive, a cobertura midiática desempenhou papel central na construção da elite esportiva, ao destacar profissionais e relegar amadores à invisibilidade.

Este estudo propôs corroborar para o campo da História ao registrar e sistematizar a trajetória do Ironman Brasil na primeira década do século XXI, inserindo-a em um contexto

mais amplo de transformação da cultura esportiva no país. Para a Sociologia, o trabalho oferece um exemplo concreto da aplicação da teoria de Bourdieu na análise de eventos esportivos, revelando como estruturas simbólicas influenciam práticas, percepções e relações de poder. Já nos estudos do esporte, a pesquisa aprofunda a compreensão sobre o papel do capital simbólico na legitimação de modalidades de alto custo e elevado grau de exigência física.

A principal limitação deste estudo reside na restrição das fontes utilizadas. Por basear-se predominantemente em reportagens e registros midiáticos, a análise não pôde incorporar percepções diretas dos agentes envolvidos, especialmente atletas amadores, técnicos e organizadores. Além disso, a ausência de entrevistas limitou a possibilidade de captar nuances subjetivas do habitus esportivo no triathlon de longa distância.

Para ampliar o alcance das conclusões, recomenda-se que estudos futuros incluam depoimentos de atletas amadores, análise comparativa entre diferentes sedes do Ironman no Brasil e investigação sobre como gênero e raça influenciam as oportunidades e a distribuição de capitais no triathlon. Outra possibilidade é explorar como o avanço das redes sociais, a partir da década de 2010, transformou a visibilidade e a lógica de distinção no evento.

Isto posto, o Ironman Brasil, no período de 2001 a 2010, consolidou-se como um evento esportivo de prestígio, sustentado por complexas interações entre desempenho atlético, estratégias midiáticas e disputas simbólicas. Sob o olhar bourdieusiano, torna-se evidente que a legitimidade e o status associados à prova não se explicam apenas por seus resultados técnicos, mas pela capacidade dos agentes de acumular e converter capitais dentro de um campo competitivo e hierarquizado. Ao mesmo tempo em que promove inspiração e reforça ideais de superação, o evento mantém barreiras que refletem as desigualdades sociais mais amplas presentes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BARLEBEN, Monique. **Melhor brasileiro no Ironman Brasil 2010, Santiago Ascenço, volta à prova.** WebRun, [s. l.], 28 abr. 2010. <https://webrun.com.br/melhor-brasileiro-no-ironman-brasil-2010-santiago-ascenco-volta-a-prova/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

BÖGLI, Michel. **#119 Djan Madruga.** São Paulo: Endörfina Podcast, 13 fev. 2020. 1 podcast (92 min.) Publicado por Endörfina Podcast. Disponível em: <https://endorfinabr.com/podcast/119-djan-madruga/>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

BÖGLI, Michel. **#12 José Inácio Werneck e Dawn Webb.** São Paulo: Endörfina Podcast, 1 nov. 2017. 1 podcast (105 min.) Publicado por Endörfina Podcast. Disponível em: <https://endorfinabr.com/podcast/12-jose-inacio-werneck-e-dawn-webb/>. Acesso em: 02 de agosto de 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. As formas de capital. *In*: RICHARDSON, J. (Ed.). **Manual de teoria e investigação em sociologia da educação**. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.

BOURDIEU, Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. Tradução de Fernando Pinheiro. Introdução e notas de Loïc Wacquant. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 96, p. 105-115, jul. 2013.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. *In*: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Coimbra, PT: Edições 70, 2021. (Coleção Memória e Sociedade).

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRIATHLON (CBTri). **Triathlon**. Disponível em: <https://cbtri.org.br/triathlon/>. Acesso em: 10 de junho de 2025.

CURY, Pedro. Ironman Brasil gera polêmica. **Pedal**, [s. l.], 5 jun. 2003. Disponível em: https://www.pedal.com.br/ironman-brasil-gera-polemica_texto115.html. Acesso em: 04 de agosto de 2025.

ELIAS, Alexia. **Porque Florianópolis é chamada de Ilha da Magia**. CBN Floripa, 9 nov. 2024. Disponível em: <https://cbntotal.com.br/cotidiano/por-que-florianopolis-e-chamada-de-ilha-da-magia/>. Acesso em: 27 de junho de 2025.

FERREIRA, Joel Carlos Valcanaia. **Triathlon: história, variáveis antropométricas e fisiológicas. 2005**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>. Acesso em: 05 de abril de 2025.

GARAGE TRAINING. **A história do Ironman: a marca mais tatuada do mundo** (podcast). [S. l.]: Garage Training, 27 maio 2024. 1 vídeo (48 min.). Publicado por @GarageTraining. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dd6ClqQbzIY>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Rodrigo de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares de. **Revisitando a noção de campo de Pierre Bourdieu para compreender a produção de conhecimentos da Educação Física brasileira**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, [s. l.], v. 38, e26794, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/ZyP5ScDhwMvR9yvZ83bzDqg/>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

LUSTOSA, Donata. **Retrospectiva 2007: Ironman Brasil**. WebRun, [s. l.], 26 dez. 2007. Disponível em: <https://webrun.com.br/retrospectiva-2007-ironman-brasil/>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. **História do esporte: panorama e perspectivas**. Fronteiras: Revista de História, [s. l.], Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/1180>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

PETERS, Gabriel. **Bourdieu em pílulas (3): introdução ao habitus**, por Gabriel Peters. Blog do Labemus, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/>. Acesso em: 16 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Alemão Olaf Sabatschus vence o Ironman Brasil 2005**. NSC Total, [s. l.], 29 maio 2005. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/alemao-olaf-sabatschus-vence-o-ironman-brasil-2005>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Argentino Eduardo Sturla vence o Ironman Brasil 2001**. NSC Total, [s. l.], 26 maio 2001. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/argentino-eduardo-sturla-vence-o-ironman-brasil-2001>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Australiano vence Ironman Brasil e bate recorde da prova**. Uol, São Paulo, 30 maio 2010. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/triatlo/ultimas-noticias/2010/05/30/australiano-vence-ironman-brasil-e-bate-recorde-da-prova.htm>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Spencer Smith vence o Ironman Brasil 2002**. NSC Total, [s. l.], 25 maio 2002. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/spencer-smith-vence-o-ironman-brasil-2002>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, press kit: **Ironman Brasil 2009 quebra recorde com 1500 participantes de 34 países**. MBraga, Florianópolis, 30 maio 2009. Disponível em: <https://mbragacom.pressroom.com.br/687750e2e/press-kit-ironman-brasil-2009-quebra-recorde-com-1500-participantes-de-34-paises.html>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Ironman Brasil 2001**. Ativo, [s. l.], 19 mar. 2008. Disponível em: <https://www.ativo.com/ativo/ironman-brasil-2001-30354/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Ironman Brasil 2009 é o destaque do esporte nacional no dia 31 de maio**. Setur.sc, Florianópolis, 21 maio 2009. Disponível em: <http://www.inovatur.santur.sc.gov.br/index.php/informacoes/noticias-institucional/609-ironman-brasil-2009-e-o-destaque-do/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Ironman Brasil 2009 terá participação de 34 países**. WebRun, [s. l.], 27 jan. 2009. Disponível em: <https://webrun.com.br/ironman-brasil-2009-tera-participacao-de-34-paises/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Ironman Brasil: chegou a hora de superar os limites**. GauchaZH, [s. l.], 29 maio 2010. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/esportes/noticia/2010/05/ironman-brasil-chegou-a-hora-de-superar-os-limites-2920606.html>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Fernanda Keller e Eduardo Sturla vencem Ironman de Florianópolis**. O Globo, [s. l.], 25 maio 2008. Disponível em:

<https://blogs.oglobo.globo.com/radicais/post/fernanda-keller-eduardo-sturla-vencem-ironman-de-florianopolis-104482.html>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **É ferro**. Revista Trip, [s. l.], 21 set. 2005. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/E-ferro>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Eduardo Sturla vence Ironman 2008**. Ativo, [s. l.], 25 maio 2008. Disponível em: <https://www.ativo.com/ativo/eduardo-sturla-vence-ironman-2008-29732/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

REDAÇÃO, **Confira a galeria de fotos do Ironman Brasil**. WebRun, [s. l.], 1 jun. 2006. Disponível em: <https://webrun.com.br/confira-a-galeria-de-fotos-do-ironman-brasil-2006/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Bourdieu e a sociologia do esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos**. Tempo Social: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 243-286, 2017

TRIPEDAL. **A história do Ironman no Havaí**. 10 out. 2024. Disponível em: <https://tripedal.net/a-historia-do-ironman-no-havai/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

THOMAS JUNIOR, Harry. **Retrospectiva 2004: Ironman Brasil Telecom**. WebRun, [s. l.], 31 dez. 2004. Disponível em: <https://webrun.com.br/retrospectiva-2004-ironman-brasil-telecom/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

UNLIMITED SPORTS. **[Solicitação de dados]**. Mensagem eletrônica, 27 jan. 2025. Mensagem recebida por Roberto Tadeu Mangini.